

GOLIN, Cida. “Teorias do rádio: Paul Zumthor e a poética da voz”. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2005, Rio de Janeiro, p. 1-8. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0583>> Acesso em: 05 de jul. de 2014.

PÁGINA	Fichamento/Recortes
1	“Paradoxo da voz. Ela constitui um acontecimento do mundo sonoro, do mesmo modo que todo movimento corporal o é do mundo visual e tátil.” (citando ZUMTHOR, 1997, p. 14-15).
1	“[...] mais do que por seu olhar, pela expressão do seu rosto, uma pessoa é traída ‘por sua voz’.” (citando ZUMTHOR, 1997, p. 14-15).
2	“Sua obra transcende os estudos literários e oferece referências fundamentais para pensar o rádio, mídia que suspende o excesso de imagens e tem a voz como um dos elementos básicos de sua linguagem sonora.”
2	“Zumthor preferia o termo vocalidade à oralidade. Buscava nos cantosprovençais, na canção de gesta francesa e nas narrativas do ciclo arthuriano, entre outros, a historicidade da voz, seu uso.”
2	“Poesia, para ele, é mais do que o conjunto de textos poéticos. É sobretudo o contexto de sua produção e existência: a ação do corpo, do gesto e dos meios.”
2-3	“Locutor, destinatário e circunstâncias estão juntos, confrontados, concretizando ao máximo a função fática da linguagem no jogo de aproximação, abordagem, apelo e provocação.”
3	“A letra e a voz (1987), Paul Zumthor observa que a palavra falada é a manifestação mais convincente de autoridade até o século XV e XVI, instrumento privilegiado do exercício do poder e do ato jurídico.”
3	“Poder e verdade, culto e poesia estavam unidos pela pulsão profunda da voz.”
3	“A voz está ligada ao gesto, é uma atitude física, projeta o corpo no espaço da performance.”
3	“No momento da transmissão vocal, o texto se fragmenta e tende ao inacabamento. A voz invade a letra e põe em xeque a lógica de um espaço fechado.”
3	“O poder corporal, a ‘rede de sensualidades complexas que fazem de nós, no universo, seres diferentes dos outros’, singulariza e concretiza as virtualidades de cada obra poética. O sentido [...] tem apenas uma existência transitória, ficcional, concedida pelas lacunas e brancos da linguagem.”
3-4	“[...] tudo se colore na língua [...] palavras [...] carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa).” (ZUMTHOR, 1997).
4	“Zumthor distingue três tipos de oralidade: a primária e imediata, que não apresenta nenhum contato com a escritura, ou seja, aquela das sociedades desprovidas dos sistemas de simbolização gráfica ou grupos isolados ou analfabetos; a oralidade mista, em que há uma parcial influência da cultura

	do escrito; e por fim, a oralidade segunda, típica de uma cultura grafocêntrica, em que toda a expressão é marcada pela presença e pelo valor da letra.”
4	“Para o teórico, a literatura, noção historicamente demarcada, prosperou a partir do século XVII e se tornou um dos maiores patrimônios culturais do homem, recusando a voz. A leitura solitária e puramente visual marca, para Zumthor, o grau mais fraco da performance, principalmente pela vigência da surdez imposta pela hegemonia da escrita.”
4	“O ensaísta reconhece nos últimos 60 anos do século XX uma espécie de ressurgência do vocal como motor e estratégia de energia coletiva, tanto que os cantores transformaram-se em típicos heróis da cultura de massa contemporânea.”
5	“A invenção das máquinas de gravar e reproduzir restituiu à voz uma autoridade perdida na cultura letrada.”
5	“[...] a tecnologia – disco, gravador, cassete ou rádio – interferiu nas condições de produção e recepção, sobretudo na sua dimensão coletiva. Uma poesia oral midiaticizada perde algo de si, a percepção visual, a proximidade do gesto, a sensualidade da presença.”
5	“No caso do áudio, um aparelho toma o lugar do intérprete. O ouvinte o relaciona a um ser humano existente em algum lugar. Exposto unicamente à voz, ‘não recebe outro convite a participar’. Recria em sua imaginação os elementos ausentes, mas a imagem produzida é íntima, pessoal, uma performance interiorizada.”
6	“Zumthor reclama da perda do calor, do peso, do volume real do corpo, do qual a voz é uma expansão. Trata-se de uma vocalidade desencarnada, uma alienação particular tanto para o locutor como para o ouvinte.”
6	“A linguagem radiofônica define-se pela enunciação em tempo real, a sincronia entre emissão e recepção [...] as transmissões ao vivo reduzem o distanciamento físico e temporal da mensagem, aproximando o locutor e o ouvinte. O uso da voz é estratégico para o resultado de qualquer produção radiofônica.”
7	“[...] atingir um discurso significa atravessar a espessura e a resistência das palavras.”
7	“[...] pensa-se com o corpo, ele dá a medida do mundo, é o seu referente
7	“Não se duvida que a voz constitua no inconsciente humano uma forma arquetipal: imagem primordial e criadora, ao mesmo tempo, energia e configuração de traços que predeterminam, ativam, estruturam em cada um de nós as experiências primeiras, os sentimentos e pensamentos.” (ZUMTHOR, 1997)
8	“Para o ensaísta francês, a voz é um órgão do imaginário, ou seja, a frase não é a mesma na fala e na escrita.” (Em referência a Roland Barthes)
8	“A escuta e voz situam-se na articulação do corpo e do discurso, no movimento do corpo. Para ele, a voz é como a letra num envelope, indicamos o sujeito, a sua maneira de ser, sua alegria ou sofrimento.”
8	“[...] Barthes apóia-se na dicotomia apresentada pela psicanalista e teórica da literatura Julia Kristeva e seus conceitos de fenotexto e genotexto. Para ele, fenocanto, seria tudo o que está a serviço da comunicação, da

	representação e da expressão; o genocanto abrigaria o volume da voz, a voluptuosidade dos seus sons, a materialidade das letras.”
Palavras-chave: Linguagem radiofônica, estética da voz, rádio	

RESENHA

Paul Zumthor foi um grande nome na área de estudos sobre a voz. Formado em Filologia Tradicional, tendo como influência Hjelmslev, Jakobson e Bakhtin, contribuiu enormemente para se pensar na oralidade – ou vocalidade, como preferia – e em todo o ato poético da voz, estando essa intrinsecamente ligada ao corpo.

Ao longo da história, o signo oral indicava autoridade e conhecimento. Era através dele que as pessoas tinham acesso às informações diversas, às tradições, histórias, aos mitos, às lendas... Zumthor entendia que a voz precisava do corpo para ter uma complementaridade, até mesmo dos sentidos. A voz encontra no corpo seu lugar de existir e o corpo também usa a voz. A partir dessa ideia, explorou o conceito de performance, entendido como um ato comunicativo. Zumthor trabalhou com três tipos de oralidade: a primária e imediata, sem contato com a escrita, a mista, com certo grau de influência da escrita; e a segunda, tipicamente grafocêntrica. Com o advento da imprensa, a voz foi sendo posta de lado como modo de comunicação primordial e o signo escrito passa a ser algo mais confiável. Talvez, por essa razão, a literatura tenha alcançado tamanho prestígio e se tornado um patrimônio da humanidade, principalmente no Ocidente. Não podemos imaginar nossa vida sem um livro, uma revista ou um jornal. No século XX, o recurso vocal, que outrora fora esquecido, volta a ser lembrado – não que ele tivesse sido banido da sociedade. Invenções como o gravador e microfone vão recolocando a voz em cena. Contudo, essa mesma tecnologia, que ajuda e diminui os espaços entre emissor e receptor, pode atrapalhar ou mesmo reduzir o produto oral. Diria até que é cômodo pensar que sempre haverá uma voz que nos fala, mas nem sempre nos ocupamos em ouvir o que ela tem para nos dizer. Ou, se assim o fazemos, a experiência se limita ao individual.